

AGRESSIVIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: OBSERVANDO E ANALISANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

AGGRESSIVENESS IN THE LESSONS OF PHYSICAL EDUCATION IN THE SCHOOL: OBSERVING AND ANALYSING THE PEDAGOGICAL PRACTICE

Luciana Prezotto Broglio (UNIMEP)¹

Flávia Baccin Fiorante (Faculdades Integradas Einstein de Limeira)²

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar a existência, ou não, da agressividade nas aulas de Educação Física Escolar, ministradas para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, de quatro escolas públicas da cidade de Piracicaba – SP. Buscou-se na literatura alguns autores que, em suas produções, abordassem o tema agressividade para melhor compreensão e maior embasamento teórico. O desenvolvimento metodológico foi embasado em princípios da pesquisa qualitativa, abrangendo a pesquisa descritiva de caráter bibliográfico e de campo com a utilização de observação. Como resultado a pesquisa evidencia a ocorrência de agressividade nas aulas de Educação Física Escolar; em determinados momentos abertamente, em outros mais sutilmente e que a manifestação dessa agressividade depende muito da interação professor-aluno e da maneira como as atividades são desenvolvidas.

Palavras-chave: Escola. Educação Física. Agressividade.

Abstract: This dissertation had as objective to focus and to analyze the existence, or not, of the aggressiveness in the lessons of Physical Education in the School, given for pupils of 6th grade from elementary school, of four public schools of Piracicaba city. It was searched in literature some authors who, in their productions, approached the subject of aggressiveness for better understanding and greater theoretical structure. The methodological development was based in sources of the qualitative research, enclosing the bibliographical descriptive and field research, with the use of comment. As the result the research evidences the occurrence of aggressiveness in the lessons in Physical Education in the School, openly in determined moments, in others more subtle and the manifestation this aggressiveness depends a lot on the interaction between teacher-pupil and the way that the activities are developed.

Keywords: School. Physical Education. Aggressiveness.

Introdução

Face à nossa vivência, de mais de dez anos na área da Educação Física Escolar, em classes de Ensino Fundamental, foi possível observar a conduta dos alunos, dentro e fora da sala de aula, e perceber o aumento, acentuado e preocupante, de atitudes agressivas entre os alunos de uma mesma classe ou de outras classes, também, em relação aos funcionários e

¹ Mestre em Educação Física (UNIMEP); E-mail: lpbroglio@unimep.br.

² Doutora em Educação Escolar (UNESP/ FCLAR); E-mail: flafiorante@uol.com.br.

professores. O deboche, a ironia, o desprezo, as brigas, as exclusões e a agressividade, tanto de menor como de maior grau, sempre foram situações incômodas, para aqueles que atuam no contexto escolar. É difícil conviver na escola, local de formação, com a agressividade, o desrespeito, a indisciplina e, principalmente, a violência.

Essa inquietação desencadeou a busca de estudos na Educação Física, ligados ao enfoque principal que é a agressividade na escola, particularmente no 6º. ano do Ensino Fundamental, fase característica do início da adolescência.

Essa faixa etária, que varia entre 10 e 12 anos, é uma fase de transição, pois as crianças estão deixando a infância para entrar na adolescência; transição distante às vezes para uns, mais próxima, para outros. Fase em que são capazes de refletir sobre si mesmos, de observar tanto suas próprias individualidades como a dos outros (OXFORD, 1994).

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo focar e analisar a existência, ou não, da problemática da agressividade na escola, em especial nas aulas de Educação Física, ministradas para alunos do 6º. ano do Ensino Fundamental, de quatro escolas públicas da cidade de Piracicaba – SP, por meio da observação dos relacionamentos entre os alunos e entre professor e aluno.

Referencial teórico

A Agressividade na Escola

A agressividade vem se acentuando nas escolas, em especial de Ensino Fundamental e Médio. Isso tem sido observado pelos professores com uma frequência cada vez maior; psicólogos e dirigentes têm se preocupado com o problema que se manifesta na entrada das aulas, nos intervalos entre as aulas, durante o lanche, na saída, nas filas e até mesmo durante as aulas.

Segundo Moser (1991, p. 12) para conseguir analisar o comportamento agressivo é necessário um contexto, “um comportamento social não é o ato de indivíduos isolados, mas de indivíduos que se situam numa mesma estrutura social: valores, expectativas, papéis e regras que definem a relação entre eles”.

Para esse autor, sendo a agressão um comportamento social, ela tem relação com a interação entre as condutas das pessoas, que se concretiza na medida em que se efetiva a relação com o outro. As relações, hoje em dia, podem estar se tornando ou podem vir a ser cada vez mais superficiais devido às atribuições do dia-a-dia; não que esta seja a única forma de relacionamento, mas é necessário que se mencione. Cada indivíduo tem sua história, a escola tem a dela, o professor a dele e também o aluno e, essas histórias devem ter relação e se inteirar umas às outras.

Cury (2001), descreve com convicção que “temos que ser contadores de história”; temos que dar exemplo de nossas vidas, para podermos nos relacionar e ter contato com os alunos e estes com os professores. Cita que não existem alunos agressivos, mas sim alunos em conflito, acreditando que os professores é que precisam ser esclarecidos, isso no mundo todo, para entender que no ambiente escolar acontecem grandes conflitos emocionais.

As brincadeiras ingênuas e aqueles apelidos como “baleia” ou “elefante”, para o aluno obeso, não devem ser permitidos pelos professores, e estes, devem sim, intervir sem esquecer de enfatizar as diferenças que existem entre as pessoas, pois cada um é único; se todos somos diferentes em algum aspecto, todos possuímos um cérebro capaz de produzir os inúmeros pensamentos.

Quando estiver diante de uma ofensa, crítica, rejeição, derrota, desafio, perda, enfim, de qualquer estímulo negativo, você tem no máximo cinco segundos para filtrar e criticar tal estímulo, caso contrário, ele penetrará na arena da sua emoção e será registrado drasticamente na sua memória. (CURY, 2002, p. 78).

Pessoas que depositam idéias negativas diariamente na memória, como por exemplo, a agressividade, acabarão com problemas no futuro, deixando de ser uma pessoa alegre e calma, se tornando mais tarde ansiosas e deprimidas.

O aluno percebe a interação do professor com o grupo e sua intervenção para que este não permita determinados atos ou atitudes destes alunos, mostrando aos mesmos o porquê de ser ou não correto aquilo, fazendo-os ver que as diferenças sempre existiram e vão continuar existindo, já que somos únicos. O educador tem o poder de intervir dando exemplos concretos para que seus educandos façam da interação escolar, mais um espelho para o futuro, na sociedade.

Para Biaggio (1988) é grande a importância do fator modelo. A criança não aprende apenas o que lhe é ensinado mas, principalmente, o que vê outras pessoas fazendo. A vivência entre quatro paredes (família), em muito influenciava e ainda influencia, até mesmo pela ausência, mas, atualmente, os modelos que mais interferem são fornecidos pelos veículos de comunicação de massa.

Na opinião de Train (1998), quando se convive com alguém extremamente birrento ou teimoso, neste caso crianças e adolescentes em crises constantes, estes podem se transformar em uma ameaça imprevisível e assustadora, pela inconstância, e espontaneidade podendo tornar-se perigosos pela imprevisibilidade.

Quando a criança agressiva chega à adolescência, essa agressividade tende a se intensificar; às vezes, o adulto sente-se ameaçado pela própria presença desse adolescente.

Train (1998, p. 62) menciona, ainda, que uma das maneiras de levar o adolescente à agressividade é o aumento repentino na força das emoções³. Mas alega que ocorre um distúrbio na maneira desses jovens se olharem, principalmente na fase inicial da adolescência, que vai dos 10 aos 16 anos. O adolescente está entrando no desconhecido vindo do conhecido. O adolescente agressivo está entrando no desconhecido vindo do inaceitável.

Segundo Otta e Bussab (1998), na adolescência é que ocorre uma das verdadeiras revoluções dentro do corpo, que podem variar dos 11 aos 18 anos mais ou menos. As mudanças devem ser ajustadas, pois, essas alterações físicas da puberdade influenciam as emoções e precisam ser reguladas psicologicamente. Devem ser conversadas, explicadas e analisadas, já que o indivíduo tem o direito de saber como lidar com essas situações.

Descrevem as autoras que: “surgem impulsos sexuais novos e intensos, que geram inquietação e conflito”. (Otta e Bussab, 1998, p. 80). O nível da testosterona nos meninos sofre um aumento nesta fase, fazendo com que ocorra uma diminuição da tolerância relacionada à frustração e, eles acabam reagindo quando se sentem provocados. Nas garotas, quando os hormônios estão em baixa, ou seja, no ciclo pré-menstrual a irritabilidade aumenta e, provavelmente, as brigas e os mal-entendidos também. Como na adolescência existe muita energia, as pessoas podem se exprimir de maneiras construtivas e destrutivas.

Segundo Otta e Bussab (1998), seguem os estilos que cada pessoa tem para agredir:

- confronto físico: é do tipo “pavio curto, resolve seus problemas no braço”;
- hostilidade verbal: apresenta-se no conteúdo da fala, através de ameaças, palavrões e críticas exacerbadas;

³ O autor afirma que a raiva não faz parte dessas emoções visto que já está desenvolvida na infância.

- hostilidade indireta: são formas indiretas de agressões, como é o caso de fofocas maliciosas e piadas de mau gosto.

Dentro destes três tipos de agressão que correspondem aos estilos que cada um tem para agredir, existem também os itens: irritabilidade, desconfiança, ressentimento e negativismo que condizem com sentimentos que, muitas vezes, nos preparam para agir agressivamente.

La Taille (2000) sugere um trabalho em quatro pilares: justiça, solidariedade, respeito mútuo e diálogo. Todo educador, independente da área em que ministra suas aulas, deve desenvolver a cidadania e os colegas e alunos devem ser tratados com justiça, caso contrário no momento em que a convivência professor/aluno deixar de assumir importância fundamental, tornar-se-á uma convivência problemática, com possibilidade do surgimento de violência.

De acordo com Abramowicz e Moll (2001), uma das possíveis explicações para a problemática escolar, segundo alguns professores da escola pública, é o acirramento da violência na sala de aula e na comunidade. A presença dos “excluídos” do sistema, como é o caso de meninos/as de rua, dos repetentes, merecem especial atenção. Continuam, alertando que é importante o papel escolar relacionado à formação da cidadania e à construção e aquisição de conhecimentos que são alicerces para elaboração de propostas pedagógicas, não esquecendo que a escola é uma instituição sociocultural, organizada e pautada por valores, concepções e expectativas; que todos os atuantes e formadores da escola são sujeitos históricos e culturais e, a instituição escolar, assim, é um produto histórico-cultural agindo e interagindo numa complexa trama dos processos socioculturais.

Abramowicz e Moll (2001, p. 18) vão além descrevendo que são “realidades que nos perseguem e se agravam desde a década de 1980 com a recessão, o desemprego, a miséria, os baixos salários dos professores, a degradação moral e cultural da sociedade [...]”. O fracasso escolar está voltado para a realidade econômica e social, visto que estas são o fomento da permanente reprodução da cultura da segregação e da exclusão da qual a nossa cultura faz parte. Dentro do fracasso escolar está a agressividade e esta é geradora de destruição.

Mediante essa constatação, é possível adentrar na perspectiva do aluno, já que este traz à escola a sua cultura, e a instituição escolar também tem uma cultura própria. Então, cabe-nos, enquanto educadores, entendermos o pensamento e o parecer do educando para uma possível reflexão e compreensão desse processo educacional, percebendo que a criança apresenta mudança de comportamento e, quando esta consegue administrá-lo, se torna de extrema importância nos anos que se seguirão até a adolescência.

Aos onze anos, os padrões individuais de reação já estão definidos e fazem a criança ser o que é. A diferença está em que as crianças, nessa idade, começam a descobrir e a reconhecer esse fato. Além de serem capazes de refletir sobre si mesmas e de avaliar sua própria individualidade e capacidades particulares, também são capazes de avaliar as dos outros. Essa mudança no modo de pensar sobre si mesmas ocorre quase ao mesmo tempo em que o enorme salto no desenvolvimento físico no começo da adolescência, e em geral junto com mudanças no caráter da educação. (OXFORD, 1994, p. 14).

É nessa idade, cuja média das crianças é de onze anos, que os adolescentes estão cursando o sexto ano do Ensino Fundamental.

Levisky (1997) identifica o adolescente dentro da sociedade contemporânea e suas relações com a violência. Ele revela que a civilização já passou pela idade do fogo, da pedra,

do bronze, e agora se revela na idade da informática, quando ocorre uma confusão entre o mundo real e o mundo virtual. Nesse vai e vem, com a globalização da sociedade e, numa velocidade tal, que o pensador considera um fator adicional à identidade nacional conflitante, e ainda sendo observado por parte do adolescente. Essa velocidade é tão rápida que ele acaba não conseguindo acompanhar o raciocínio na sua plenitude, daí então, a confusão pode vir a desencadear a frustração e, tudo isso, na sua opinião, contribui para gerar um sistema social separado e ao mesmo tempo unido e, em consequência, aumentando a violência.

Para o mesmo autor, o adolescente (assim como a criança) sendo vulnerável, é a vítima preferida da violência social. Essa fraqueza decorre da invasão de estímulos internos ligados à sexualidade e à agressividade, de difíceis controles, que interagem com um ambiente externo, que não lhes permite transformar-se adequada e gratificadamente, implicando também no pensar e agir de formas úteis para si e para os demais.

A violência no adolescente vem associada à confusão, o que pode levar à angústia e ao desespero, vivenciando o conflito de gerações, que lhe é normal, a única saída para essa confusão pode ser a descarga violenta. Levisky (1997), continua em seu ponto de vista salientando que a sociedade que violentou esse adolescente passa a ser violentada por ele, criando-se um círculo vicioso, pois até o momento em que o conflito interno se manifesta, o adolescente não tem tanto entendimento para se situar consigo mesmo e com o mundo que o rodeia.

Olivier (2000, p. 12), descreve que a violência é um componente fatal ou inevitável na sociedade, estando evidente na mídia, especialmente na televisão. Sendo o alvo perfeito e comercial, as crianças, para quem a mídia televisiva submete a audiência, e não se priva de recorrer às imagens violentas para atrair a clientela jovem. Os novos heróis abundam em violência ou filmes brutais que enchem o horário televisivo, e ainda, administrada em estado bruto pela clientela, testemunhas passivas banalizando a situação. Administram as cenas em estado bruto porque nem sempre os heróis transmitidos tem enfeites ou artifícios históricos ou simbólicos que permitiam ao público jovem, tomar a distância necessária para o espetáculo. Existe, ainda, a essencial tarefa dos pais de gerenciar o tempo de televisão e se colocar diante das cenas, comentando as imagens para auxiliar na triagem, evitando, desta forma, que “uma natural violência infantil seja reforçada, confortada por espetáculos violentos e que ultrapassem, mais tarde, o limiar da violência efetiva”.

Para Aquino (1998), existem várias possibilidades de analisar e refletir quando se depara, de maneira empírica ou teórica, com a inaceitável justaposição escola/violência a partir de efeitos concretos como é o caso da indisciplina, das turbulentas relações ou suas apatias, dos confrontos encobertos, das ameaças diversas, à depredação e exclusão. Com isso, tem-se uma visão difusa, como um campo de pequenas batalhas civis, pequenas sim, mas visíveis para causar um mal estar coletivo nos educadores brasileiros, só que a questão da violência no contexto escolar não pode ser concebida nem analisada como, ou de igual proporção, a violência familiar, ou das prisões ou até mesmo das ruas.

Escreve Aquino (1998) sobre a existência no meio educacional de duas influências fundadas sobre a violência simbólica ou concreta, observadas no cotidiano escolar, sendo uma de caráter sociologizante e a outra de aspecto clínico-psicologizante. Acrescenta que, geralmente, não existe autoridade sem o uso da violência até um certo grau e que não existe o emprego da violência sem autoridade, do ponto de vista institucional.

Para fundamentar mais esse assunto voltado para a escola há necessidade de descrever o conceito de instituição segundo Guirado (1998, p. 9).

Estamos definindo as instituições como relações ou práticas sociais que tendem a se repetir e que, enquanto se repetem, legitimam-se. Existem, sempre, em nome de um 'algo' abstrato, o que chamamos de seu objeto. Por exemplo, a medicina pode ser considerada, segundo nossa definição, uma instituição e seu objeto, pode-se dizer, é a saúde.

Costa (2000), cobra mais participação das escolas nos dez anos do Estatuto da Criança e do Adolescente. Em seu modo de pensar a indisciplina e o vandalismo surgem quando a escola não esclarece devidamente o aluno e pratica o 'não-porque-não', acreditando que, se a negativa vem acompanhada de explicação, ela é respeitada; e reforça que o professor deve estar preparado para o confronto, principalmente quando o foco é o adolescente, que se procura e se experimenta. Por isso, a educação não é um caminho suave.

Guimarães (1996), na elaboração e descrição de sua pesquisa descreve em seus estudos que, quanto maior a repressão vinda por parte dos dirigentes da escola maior será a violência por parte dos alunos, no sentido de medir forças ou, como diz a expressão popular, "dar de frente".

Percebe-se, desta forma, que os meios de comunicação devem refletir sobre a agressividade e violência em sua programação, como alguns textos mencionados neste estudo também se preocupam com sua forma crescente na sociedade. Nota-se a necessidade de se escrever e se comunicar pelos meios que temos, sobre as experiências, se têm dado certo para os pesquisadores, cientistas, professores e até mesmo pais ou a sociedade, de maneira geral. O que realmente ocorre é que se escreve muito, mas sem resultados concretos na maioria das vezes; é a falta de trocas de experiências.

Os meios de comunicação de massa, como a televisão, mostram sempre os horrores que acontecem, os assaltos com morte, sequestros, alunos mortos na porta das escolas, diretor de escola assassinado, professores agredidos, etc.; e se limitam ao ocorrido, em discutir o mérito do problema e, conseqüentemente, a minimização dessas ocorrências na sociedade e na escola.

Se a instituição escolar exercer um papel benéfico no que diz respeito à conduta dos alunos e dos professores, desenvolvendo a sociabilidade, à comunicação e o respeito às regras sociais haverá um bem estar geral, pois todos serão privilegiados.

Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi embasada em princípios da pesquisa qualitativa, abrangendo descritiva de caráter bibliográfico e de campo, este composto pela observação das aulas (MARTINS e BICUDO, 1989).

O levantamento das escolas foi feito junto à Secretaria de Estado da Educação que engloba 64 escolas credenciadas à Diretoria Regional de Ensino de Piracicaba, sendo que dessas 64 escolas, constam as da zona urbana, da zona rural, dos distritos e cidades vizinhas à Piracicaba. A Secretaria de Educação forneceu, ainda, o mapeamento do município com a divisão das escolas por bairros, constituindo, assim, 32 zonas e a relação nominal de todas as escolas da cidade.

Para efetuar a escolha da amostra, procedemos a seleção de um ponto de partida aleatório (sorteio) entre um e o inteiro mais próximo à razão da amostragem (número de elementos da população (N) pelo número de elementos da amostra (n)). A seguir, foram selecionados os elementos em intervalos de amplitude N/n . Nessa técnica, a aplicação requer que a população seja ordenada de modo tal que cada um de seus elementos possa ser identificado pela posição. O número escolhido pela pesquisadora para ser o divisor, foi 10, e o

resultado final foi de mais ou menos 03, ou seja, o quociente que mais se aproximou do resultado final.

Por meio desse resultado final de nº 03, das 33 escolas com 6º. ano, a partir da primeira escola da lista, contou-se de três em três reduzindo, assim, de 33 para um número final de 11 escolas, com definição de 08 aulas de observação em cada uma.

Assim, os critérios para a escolha dessas 04 escolas foram: escolas de grande porte; escolas da rede estadual de ensino; escolas com 6º. ano; escolas situadas em bairros distintos na zona urbana e não central da cidade; a correspondência de horários.

O universo pesquisado compreendeu, então, quatro escolas da rede estadual de Educação, da cidade de Piracicaba, Estado de São Paulo, todas localizadas na zona urbana, mas não central da cidade. Consideramos satisfatório o número de escolas, que compreendeu quase 40 % do número total de escolas com 6º. ano.

As observações das aulas obedeceram a um roteiro e cronograma preestabelecidos, onde constaram: atitude e comportamento dos alunos, postura do professor e organização da aula.

Resultados

ESCOLA A

Normalmente nas aulas de Educação Física Escolar se observa a preocupação do profissional em orientar e esclarecer a importância das habilidades e capacidades motoras para o desenvolvimento global dos alunos; também a preocupação em demonstrar como o aluno deve se dirigir aos colegas e até ter autonomia para comandá-los. Observamos que durante uma das atividades práticas, o professor colocou dois alunos à frente de duas fileiras para um determinado exercício; uma delas era de meninos e a outra de meninas. O aluno correspondente à fileira dos meninos fez os exercícios de forma correta, enquanto o aluno correspondente à fileira das meninas não conseguiu executá-los, deixando as alunas bravas, requisitando muito o professor e interferindo a todo o momento. Isso levou à interpretação de que faltou esclarecimento sobre os movimentos, por parte do professor e a importância do aluno na condução do exercício.

Por parte dos alunos, houve certo grau de dificuldade na compreensão e execução dos exercícios que envolveram corrida. A aluna mais velha da turma foi quem fez os exercícios com mais dificuldade e lentidão que todos os outros, mas não desistiu em momento algum. A atividade não foi esclarecida, demonstrada uma única vez e se mandou fazer; não houve questionamento quanto ao entendimento ou dúvidas.

As meninas passaram despercebidas, enquanto os meninos chamaram mais atenção, são mais barulhentos. Por essa razão, o professor deu mais atividades para os meninos, deixou-os jogar mais tempo na quadra porque se mostraram inquietos e agitados, dando a entender que deram mais trabalho quanto à disciplina e que a maneira com que o professor os enfrentou foi bem diferente com relação às meninas que reclamaram. Reclamações que nada resolveram; faltou diálogo do profissional com as alunas e vice versa, pois, elas não conseguiram reivindicar e, quando o fizeram, o professor deu um basta e pronto; ficou apenas a reclamação entre elas. Os alunos puderam fazer mais atividades durante as aulas do que

elas. Esse profissional necessita atentar quanto a esse tipo de comportamento com relação às meninas, pois consideramos agressiva a sua atitude.

Durante as partidas de futebol, que ocorreram sempre na segunda aula do dia, alguns alunos apresentaram inquietude e irritabilidade quando estiveram perdendo a partida e, também, agressão verbal entre os alunos do próprio time quando estavam em desvantagem que, muitas vezes, exigiu a interferência do professor. Cabe ressaltar que para não dar “de frente” com os alunos difíceis, o professor não variou a aula, tendo sempre futebol, porque era o que os alunos queriam, o que evitava problemas por parte deles.

O professor sempre permaneceu com a porta da quadra trancada com cadeado e a chave na mão; ninguém entrou e ninguém saiu sem a sua permissão, inclusive para tomar água. Isso nos levou a entender que a preocupação estava em não deixar os alunos no vai e vem e, principalmente, não deixar os alunos de outras turmas entrarem para atrapalhar e prejudicar as aulas, visto que outras classes faziam o lanche no horário que estavam ocorrendo as aulas de Educação Física. Qualquer pessoa que quisesse entrar teria que ficar chamando até ser atendido. Num ambiente fechado como esse o professor tem total “liberdade” para fazer o que quiser e o que não quiser também. Compreendemos que essa atitude tem que ser repensada porque é pura injunção.

Muitas atitudes do profissional com relação aos alunos foram de autoritarismo, mandando ficarem quietos a todo o momento dentro da sala de aula e na quadra, às vezes, com o apito pendurado no pescoço para usá-lo quando não conseguia falar. Os exercícios práticos foram impostos, já preparados e organizados, sem liberdade para a opinião dos alunos que, apesar da imposição, na sua maioria, aceitou e fez as aulas.

Durante o jogo dois alunos considerados “difíceis” pelo professor, estiveram no mesmo time e, coincidentemente, um deles havia sido suspenso. O outro aluno que demonstrou muita revolta e rebeldia, neste espaço de tempo, passou mais tempo suspenso do que na escola. É um garoto que reside em uma instituição que acolhe crianças e adolescentes carentes, de até 18 anos, sem pais ou de pais que perderam a guarda de seus filhos. Assim como ele, lá reside outro aluno que também demonstrou atitude completamente diferente. Outro acontecimento com esse aluno chamou a atenção: ele saiu para tomar água, autorizado pelo professor, e retornou comendo bolachas. Isso fez com que o professor certificasse se as mesmas não foram roubadas, mesmo tendo o aluno dito que havia ganhado de um amigo. O fato de o professor ter ouvido os colegas e ter ido certificar-se, causou indignação por parte do aluno, que ficou quieto comendo e ainda, deu uma das bolachas para uma colega que pediu. O professor não acreditou nele por ser um aluno arredo e indisciplinado, o que, segundo Brunner e Zeltner (1994) confirma que o comportamento agressivo, na idade escolar, leva a conflitos disciplinares.

Outro episódio que ocorreu foi a instalação de câmeras filmadoras em toda a escola, gerando comentários dos alunos que a escola estava parecendo a casa dos artistas, um programa de televisão em que as pessoas são monitoradas 24 horas por dia. Na mesma semana em que foram instaladas as câmeras, uma delas foi roubada. Justamente a câmera que registrava os acontecimentos do corredor das salas de aula, coincidentemente, onde fica a quinta série pesquisada. Também cortaram a rede de futebol e de voleibol, levando o profissional a discutir o ocorrido com os alunos, demonstrar sua indignação e expor a dificuldade que teria para repor esse material. Notamos aqui a falta de consciência dos alunos para a questão do prejuízo que teriam com a depredação da escola. Entretanto, demonstra a falta de discussão quanto às medidas tomadas, que no geral, beneficiam todos quanto à segurança.

A classe que foi observada é uma das que a porta não fecha, fazendo com que alguns alunos levassem o material escolar para onde iam, temendo serem roubados pelos próprios colegas. Essa situação não ocorreu com todos os alunos, pois a maioria deixou o material na sala de aula.

Durante as observações o que mais nos incomodou foi o calor e o sol quente do horário. Os alunos correram o tempo todo, fizeram a aula sem reclamar e beberam água somente quando o professor autorizou. Percebemos que são crianças que estão acostumadas a brincar na rua e ao ar livre e, que o calor não interfere na execução dos movimentos corporais, que não provoca agressão como justifica Davidoff (1983) em seus estudos, o que nos levou à compreensão que depende muito do grupo e do quanto estão acostumados com a temperatura. Se o sol quente faz parte do dia-a-dia desses alunos, não é essa a razão que desencadeia a agressão, neste caso em específico.

ESCOLA B

A escola B chamou a atenção por ter aula em dois períodos diferentes, quebrando um pouco o trabalho tanto do professor quanto dos alunos, por não ser aula dupla como ocorreu nas outras escolas pesquisadas e sim, uma aula em um dia e a outra em outro dia. O profissional que ministrou as aulas é um pouco intolerante, em sala de aula impôs-se fortemente sobre os alunos, exigiu silêncio para falar ou dar recado; fez gestos com o rosto demonstrando insatisfação, sentou e se calou para ver se os alunos compreendiam que queria silêncio, alterou o tom de voz e ao mesmo tempo avisou que não iria mais gritar, que estava cansado da indisciplina e da falta de educação.

Quando a bagunça era total sempre ameaçava os alunos de tirar a aula prática deles, o que causava revolta. O professor perdeu o controle da classe, pois eles gritaram, assobiaram, bateram a carteira contra o chão e arremessaram papel uns contra os outros. Isso sem contar que o profissional chamou a direção da escola para tomar uma atitude com relação a esses alunos. Em nossa opinião, era o próprio professor que deixava o ambiente desta maneira. Este deveria modificar o seu comportamento para obter melhora no comportamento dos seus alunos.

Cabe aqui lembrar Bandura (1979), ao registrar que os modelos agressivos são adquiridos por meio da observação desses próprios modelos e, que o fato de ver outras pessoas agredindo, como no caso, o professor, leva seus alunos a adotarem atividades agressivas e a tratá-lo com aspereza.

O curioso foi, ao observarmos esta escola, que o barulho maior era nas aulas conduzidas em sala, enquanto as aulas práticas aparentaram tranquilidade e até colaboração por parte de alguns alunos para pegar o material que seria utilizado na aula, para dividir as equipes para o jogo de futebol e para a brincadeira de queimada.

Em um dos dias, o professor começou a aula na sala e continuou, no dia seguinte, com o mesmo assunto, só que na prática, na quadra. Ocorreu que quase metade da classe não fez o exercício que havia sido elaborado por um dos grupos de alunos, mesmo tendo sido combinado previamente.

Os alunos demonstraram insatisfação perante este tipo de aula, mas o professor não perguntou e confrontou com os alunos impondo o que considerou correto, segundo o seu ponto de vista. O que nos preocupou foi o desgaste que esse profissional teve, sem compreender sua própria parcela de culpa, sempre achando e colocando o problema nos

alunos. Isso dificultou ainda mais o seu trabalho e demonstrou o seu despreparo emocional e pedagógico para lidar com situações difíceis.

Era uma classe bastante numerosa, com 40 alunos em um espaço de mais ou menos 10 metros de comprimento por 6 metros de largura, tendo seis fileiras com sete carteiras em cada, o que obrigava os alunos a ficarem muito próximo uns dos outros; sem falar do calor que fazia na classe.

Os alunos reclamavam quando o professor fechava a porta e desligava o ventilador ameaçando não ligar enquanto não fizessem silêncio. Conversavam muito e reivindicavam que queriam ir para a quadra fazer aula prática, porém o que mais pediam era o famoso futebol. Com o futebol, os alunos mais agitados acalmavam, ficando tudo bem, caso contrário, eles ficavam furiosos e não deixavam a aula fluir normalmente, por meio de atitudes de afrontamento, já que o professor parava e falava, não dava a aula e eles acabavam sendo prejudicados, sem ter noção disso.

Nessa sala de aula, a conversa e o tumulto eram maiores da metade da classe para trás, além de existir certa rivalidade dos alunos do fundo para com os alunos da frente. Os meninos eram mais barulhentos e tumultuados, principalmente os que sentavam no final da sala; qualquer movimento diferente era motivo para agitação, como por exemplo: ir ao lixo para apontar lápis, ir jogar papel no lixo entre outros.

Neste caso, Montagu (1978) afirma ser o estímulo que induz à agressividade; onde a invariabilidade ambiental leva ao desenvolvimento do comportamento agressivo. Descreve, ainda, a dependência que se tem entre a “complexa interação do organismo com o meio ambiente”. Neste sentido, percebemos que esta escola tem inconstância nas relações interpessoais, havendo que se revistas para que as aulas teóricas possam ocorrer noutro local, maior e mais arejado. Assim, quem sabe, a inconstância de sociabilidade melhora.

Já durante o jogo, os alunos não tiveram nenhum cuidado com o outro, com o corpo físico dos companheiros de partida, pois, chutaram a bola contra os colegas, derrubaram, empurraram e cometeram faltas que, muitas vezes, eram graves perante as regras do futebol. Faltou atenção do profissional, pois permitiu que jogassem com quantos jogadores quisessem em quadra, sendo que no futebol de salão, o correto são cinco jogadores para cada time. Essa atitude foi prejudicial para o comportamento deles, e para a estimulação às regras, o que dificultou o relacionamento entre os alunos e ficavam bravos uns com os outros, em especial, quanto ao ataque e defesa da partida, acarretando mais desorganização.

Nos escritos de Bandura (1979), encontramos que os padrões de resposta agressivas são caracteristicamente adquiridos sob condições que não frustrem o indivíduo, quer na ausência de intenção de dano ou na relação com objetos inanimados.

ESCOLA C

Nesta escola o que chamou atenção, no primeiro momento, foi a idade dos alunos da quinta série, todos com onze anos completos. O professor demonstrou interesse no assunto agressividade e comentou se eu não queria observar uma sétima série, pois lá encontraria bastante agressividade e, acrescentou que aquela classe que eu iria analisar não era briguenta, apenas falante demais. Os alunos, na maioria as meninas, não foram preparados para a prática da educação física, ou seja, não usaram vestimenta e calçados próprios para aula e, quanto a isso, não foi presenciado qualquer comentário do profissional. Discordamos desse professor, pois existe sim a agressão nesta turma de alunos que são falantes demais e não briguentos

como o profissional justificou; pois a partir do momento que se incomoda o outro, ou o ambiente, se manifesta a agressão.

É um educador que demonstrou calma e paciência, deu atenção às meninas e deixou os meninos mais livres. Porém, para iniciar a primeira aula da observação, pediu que formassem fila separado por sexo; mandou que colocassem o braço direito no ombro do companheiro da frente usando o termo “escola volver”, depois pediu para que sentassem para fazer chamada, atitude militar. Acrescentou que se não parassem de conversar não terminaria a chamada e eles não iriam para quadra. Por meio da ameaça, o professor procurava obter silêncio dos alunos falantes que o atrapalhavam e também, a sua aula.

Na primeira atividade dada iniciou com as meninas que tiveram dificuldade em fazer a atividade proposta. Os meninos que aguardavam a vez conversavam alto e estiveram distraídos com outras coisas, menos com a atividade em questão. Quando o professor foi mudar a turma para que todos pudessem vivenciar a atividade, tinha alunos correndo e brincando de outras coisas, o que o deixou bravo. Falando alto, eles acabaram fazendo a atividade com menor entusiasmo que as garotas.

Era uma turma grande e poucos se interessavam pela atividade proposta, ficaram brincando de empurrar uns aos outros, gritando e assobiando. Os meninos queriam mesmo era jogar futebol, o que fez com que o professor deixasse-os sozinhos tirando time e resolvendo quem jogaria primeiro ou não; resolviam os problemas como brigas e discussões sozinhos e jogavam o tempo inteiro. Eles tumultuavam para escolher e dividir os times que iriam jogar e, mais ainda, se estranhavam e se enfrentavam quando dois deles iam escolher quem faria parte da sua equipe; ocorria discórdia de idéias, havia encaramento, demonstração de ameaça um para o outro; mediam-se como se fossem brigar.

Percebemos que não passava disso, não chegavam a se estapear, como em outros momentos. A atitude dos demais alunos era de espera, sem reação, deixando os dois se resolverem. Quando demoravam eles reagiam apressando os colegas alegando que queriam jogar e não ficar perdendo tempo. Segundo Lorenz (1986), na sua descrição, os homens nascem com instintos agressivos para sobreviver, porém, não existem provas de que a necessidade de lutas é espontânea e sim que precisa ser estimulada.

Já com as meninas era diferente, pois ficava junto para tirar dúvidas, dava as atividades em quadra, só que mudava de atividade várias vezes porque elas se cansavam das brincadeiras ou jogos. Algumas demonstravam desinteresse pela aula dada, porém, as que gostavam se contentavam com qualquer coisa. Notamos que uma aluna passou mal durante aula, chorou e teve que sair; outras colegas lhe disseram para agüentar a dor ou então para sair mesmo. Em outro caso, a garota se machucou e acabou xingando e demonstrando raiva. Não houve companheirismo, nem sensibilidade de algumas meninas para com a garota que não passou bem. Neste caso específico, o professor não deveria ter deixado passar tal situação sem comentário e correção, quanto ao companheirismo e solidariedade.

Neste ambiente o professor deu permissão para que jogassem ou não, podendo ficar somente assistindo ou fazendo o que quisessem.

Quando por algum motivo atrapalhavam a partida de futebol com a bola que caía na quadra ou, quando alguém passava no meio da quadra ou ainda, ficavam tirando a atenção de um dos jogadores, eles revidavam chutando a bola para longe, gritando e até mesmo dizendo palavras de baixo calão. Aqui é importante ressaltar que o espaço que separa as duas quadras tem um declínio que facilita a queda da bola na quadra de futebol e, como isso ocorria com frequência quando eles chutavam para longe, as meninas acabavam xingando ou iam reclamar para o professor, que lhes pedia para não deixar a bola cair naquele local. No nosso entendimento o professor necessita andar pelo espaço para ver o que está acontecendo em sua

aula e não ficar apenas com um grupo reduzido, em um único local, já que o espaço disponível é amplo e pouco utilizado.

Uma aluna chamou bastante a atenção porque arrumou confusão a toda hora, fez fofoca, conseguiu deixar os colegas tristes e uma amiga chorar. O professor chegou a mencionar para tomarem cuidado com ela, pois parecia um “anjinho do mal” no meio delas; é uma menina que gostava de ficar provocando os outros e de ver chorar. Este episódio ocorreu mais de uma vez, com meninas diferentes, sendo a causadora do problema, a mesma menina.

O professor comentou que são essas coisas que esgotam. Uma aluna que não gostava muito de jogar, só gostava de ficar mexendo com os outros, inclusive com os meninos quando estes estavam na quadra jogando; ela demonstrou querer chamar atenção. Salientamos que ela não mexia com os colegas que a enfrentavam; aparentava se intimidar. Com relação aos colegas que se incomodavam ou demonstravam medo, ela provocava-os ainda mais, até conseguir irritá-los, ou perturbá-los.

Essa ocorrência com essa garota nos inquietou. Explicitamos que existiu, inevitavelmente, uma falta de posicionamento do profissional responsável pelo grupo em parar a aula, chamar todos os seus alunos para um diálogo a respeito do acontecimento e fazer com que os mesmos opinassem com relação à situação, para que houvesse entendimento do que seria certo ou errado naquela circunstância. Não adianta dizer que alguém é um “anjinho do mal” ou que determinada situação “esgota”; o professor tem que se posicionar.

Dessa forma, reportamo-nos às palavras de Oaklander (1978), quando menciona a existência de crianças extremamente inquietas, impulsivas, que atingem outras crianças, que são desobedientes, chamadas de rebeldes, que interrompem a aula. Estas acabam despertando comportamentos semelhantes em seus colegas; querem ser dominadoras e a partir do momento ficam agitadas, atrapalhando e incomodando todo ambiente em que fazem parte; podem ser consideradas como agressivas e podem estar precisando de ajuda.

Alguns alunos são chamados por apelidos como: macaco (para um garoto que subia em tudo quanto é lugar) e Marquito (para uma menina, por se parecer com o personagem que tem esse nome num programa da televisão). Coincidentemente essa garota foi trazida um dia para aula de Educação Física por um inspetor de alunos que comunicou ao professor que “o aluno” estava zanzando pela escola e isso não podia. O inspetor de alunos a confundiu com um menino.

Observamos, também, que quando as atividades eram no pátio, os alunos ficavam mais dispersos com brincadeiras que podiam machucar, pois um batia no outro e até as meninas entravam nessa. Na atividade que visava competição eles não se importavam em executar corretamente e sim em vencer, chegando ao ponto até de trapacear, se necessário. Quando perdiam, xingavam-se mutuamente, o que compreendemos e interpretamos como frustração, pois estes alunos têm dificuldade em aceitar perdas tanto em uma simples brincadeira como em um jogo competitivo ou não. Assim, enfatizamos o que cita Dias (1990), que o ato agressivo resulta de conflitos e frustrações dentre outros e, que palavras violentas dirigidas para outra pessoa também são definidas como agressão, porque quando o comportamento é causador de dano a alguém, pode ser classificado como agressão, tanto física como emocional.

Nesta escola o profissional permaneceu com o portão que dá acesso a quadra trancada e a chave em suas mãos. Alegou que era por segurança: para quem estava em aula não ficar por aí, não matar aula e para que outros alunos, de outras turmas não poderem entrar.

ESCOLA D

Observamos um bom relacionamento dos alunos para com o professor; este colocou limites corrigindo-os quando foi preciso, sendo severo quando alguém teve atitudes de deboche para com algum colega. Manteve-se bastante democrático quanto ao tempo para usar a quadra, sendo igual para os meninos e meninas marcando, inclusive, no relógio. Observamos, assim, que os alunos desta escola respeitavam o professor que, mesmo sendo duro com eles, colocava limites e até alguns alunos no seu devido lugar, quando necessário; eles aceitavam muito bem a situação sem demonstrar qualquer atitude de indignação, insatisfação ou de recusa.

Presenciamos o exame biométrico, onde os alunos foram pesados e medidos separadamente pelo professor: primeiro os meninos e depois as meninas. Deu explicação aos alunos sobre a importância desse exame para a fase de crescimento em que se encontram.

Nesta turma de alunos havia um garoto obeso, que pesou primeiro que todos para que não vissem o resultado; um aluno que não fez aula prática e ficou espiando os meninos na porta da sala sem entrar e depois tentou escutar o peso das meninas e o que elas conversavam com o professor. Elas ficaram incomodadas com isso, mandaram-no embora, reclamaram com o professor que lhe chamou atenção pedindo para sair dali; ele ia e voltava.

As meninas demonstraram interesse em saber sobre crescimento e seu desenvolvimento físico, como o professor presenciou algumas dúvidas, resolveu dar uma aula teórica para elas enquanto os meninos permaneciam na quadra jogando futebol.

Esse garoto obeso não fez aula com os meninos e ficou com outro garoto que também não gosta de jogar, porque transpira muito, escutando atrás de uma das janelas da classe o que o professor e as alunas conversavam. Importante mencionar que o garoto que não gostava de ficar suado, em uma das únicas vezes que jogou com os garotos como goleiro, cada vez que chutava a bola, limpava o seu tênis em seguida.

Notamos, também, que garoto obeso se auto-excluía das atividades, nada foi observado em relação aos colegas, se faziam ou não qualquer coisa para que o referido aluno tivesse tal atitude. Corroborando com isso, citamos Ajuriaguerra e Marcelli (1991), ao mencionar que quando uma criança vivencia, sente e expressa uma conduta interiorizando ou exteriorizando de forma desfavorável, ela pode agredir-se a si mesmo ou a outra pessoa. Observamos, no caso do garoto obeso, que este precisa de estímulo para fazer as aulas de Educação Física e isso cabe, de certa forma, para o professor, o que não notamos durante a nossa observação.

Um grupo de alunos por utilizar o ônibus escolar, chegava constantemente atrasado; entravam na aula sem pedir licença e os alunos que já estavam em aula gritavam avisando que o pessoal do ônibus havia chegado, tumultuando um pouco a aula, mas nada que não tivesse sido logo acalmado. Essa situação deveria ser esclarecida junto aos alunos, uma vez que a aula já havia iniciado e estava sendo atrapalhada e prejudicada em seu desenvolvimento. Para isso, seria preciso que o professor dedicasse algum tempo para explicar o fato, pois, dificilmente eles teriam conhecimento do incômodo que representa aquela atitude, e continuarão a tumultuar a aula apesar do professor pedir licença.

Sentimos que esta turma foi bastante comunicativa, demonstrou interesse em saber o que esta pesquisadora estava fazendo lá; disseram que era bem vinda, principalmente por parte das meninas.

Durante as partidas de futebol que ocorreram tanto para os meninos quanto para as meninas, analisamos que eles adaptaram algumas regras, que tiveram certo cuidado quanto às

faltas no esporte e se estavam atentos para não machucar os colegas. Percebemos que quando um deles errava, era motivo para ironizar e para xingar. O goleiro, então, era o mais punido, pois, se levava gol, tiravam-no da posição de goleiro ou, ainda davam murros na cabeça dele, que neste caso utilizam o termo “cascudo”. Um dos goleiros que tinha sido ameaçado foi reclamar com o professor, que nada fez. Esta atitude de dar cascudo, eles contaram que assistem em um programa de televisão sobre futebol e copiaram. Esse episódio nos deixou horrorizada, ao ver a fisionomia de dor de quem era punido por vários colegas ao mesmo tempo; só que este não reagia parecendo existir um acordo entre eles. O professor, nesse momento, estava com outros alunos, em outra quadra. Aqui deveria ter existido interferência e um posicionamento crítico do professor, já que na aula de Educação Física, e na escola, não é para dar ou receber cascudos e muito menos apanhar ou bater como os alunos costumam ver na TV.

Nesta turma, ficou muito clara a interferência da TV, tanto no futebol quanto na aula teórica; as meninas perguntaram muitas vezes ao professor sobre assuntos que diziam respeito às cenas de novelas. Relembramos aqui Brunner e Zeltner (1994), ao dizerem que a agressão é aprendida por imitação ou por modelo, que a agressão se mantém através desses meios, onde a aprendizagem social ocorre por imitação de modelo e que os aspectos podem ser adquiridos e fixados pelo modelo dos pais, instituições e filmes. Outro autor que justifica que a agressão é adquirida por intermédio do processo de imitação e copia, é Davidoff (1983).

Ocorreu discussão de uma menina com um garoto que, educadamente, lhe disse que todo mundo, segundo o professor, teria que jogar. A garota acabou sendo hostil com ele. Quando houve ocorrência de xingamento, os alunos demonstraram não se importar. Em sua maioria, eles participam das aulas, com exceção dos dois meninos mencionados anteriormente e de uma garota cuja religião não permite. Neste caso, analisamos que para a menina foi uma ofensa um colega chamar-lhe a atenção, bem como frustrante. Convimos com Bandura (1979) e Train (1998), que o comportamento agressivo é influenciado, consideravelmente, pela frustração.

Nesta escola notamos que a agressão verbal e os palavrões de baixo calão não provocavam reações aparentes naqueles que as recebia, assim, acreditamos, conforme justificativa do próprio professor em entrevista, que esse tipo de atitude faz parte do cotidiano desses alunos, ou seja, faz parte da cultura; eles são acostumados a se tratarem desta maneira.

Considerações Finais

Nas observações realizadas, notamos a atitude e o comportamento dos alunos e a postura do professor na aula, o que nos levou à compreensão que a agressividade existe nas aulas de Educação Física, em menor e maior grau, dependendo muito da interação do professor com os alunos e, se esse, desenvolve atividades práticas de acordo com o gosto dos alunos. Alguns professores tiveram problemas quanto à indisciplina na sala de aula, o que dificultou o desenvolvimento da aula e a fala do professor, pois os alunos apresentaram, na maioria das vezes, irrequietos e falando bastante alto.

Verificamos que um dos professores fazia diferença com relação às atividades destinadas às meninas, deixando-as jogar muito pouco tempo na quadra em favor dos meninos. Neste caso, alegou que os alunos ficam revoltados, chutam o material, xingam, gritam e discutem, deixando a situação insustentável. O que fez acabar consentindo, para não ter mais problemas ou ainda, como disse um dos profissionais, “para não arrumar pra cabeça”. Essa atitude do professor e dos alunos é de extrema relevância para a pesquisa, pois é pura agressão, não existindo diálogo entre as partes e, para piorar, a convivência do professor ao

excluir as meninas, que sempre saíam prejudicadas. Esse professor, intrigante, dizia abertamente que as garotas precisavam ficar espertas, dando a entender que eram paradas; não deu a elas a oportunidade de se justificarem, aliás, nem queria ouvir as reclamações. Isso nos incomodou e nos fez questionar se meninos tem mais direito que as meninas.

Com essa situação escolar, percebemos a falta de diálogo entre professor-aluno e, o mais perigoso, no nosso entendimento, é a falta de atividades diversificadas em aula e da explicação aos alunos sobre a importância da prática da Educação Física. As aulas são muito pouco elaboradas, carece de planejamento didático/pedagógico e não estimulam o pensar, o criar e recriar situações para que seja aguçada a vontade de participar e o ir além, para ver o que vai acontecer. Não propicia atividades novas e prazerosas tanto quanto aparenta ser o futebol.

Outra preocupação diz respeito aos profissionais da Educação Física que sabem, percebem a agressividade em suas aulas e não estão preparados para lidar com este tipo de comportamento agressivo, enfrentando-o, muitas vezes, sem base teórica, no senso comum e de maneira igualmente agressiva, ficando subentendido um ditado popular que diz: “deu, levou”.

Em suma, a agressividade ocorreu nas aulas entre os alunos, como entre aluno e professor. Isso reforça que as aulas de Educação Física não funcionam como calmante, muito menos como catarse, aliás, pelo contrário, a Educação Física pode levar à agressividade, porque os alunos não estão preparados internamente e externamente para resolver seus conflitos, suas diferenças e muito menos lidar com suas frustrações.

Referências bibliográficas

ABRAMOWICZ, Arlete e MOLL, Jaqueline (Org.). *Para além do fracasso escolar*. Campinas: Papirus, 2001.

AJURIAGUERRA, Julian de; MARCELLI, Daniel. *Manual da psicopatologia infantil*. Porto Alegre: Artes Medicas, 1991.

AQUINO, Júlio G. *Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

BANDURA, Albert. *Manifestação do comportamento*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.

BIASE, Walter Di. *O homem, a civilização, a agressividade*. Rio de Janeiro: Cátedra, 1997.

BRUNNER, Reinhard; ZELTNER, Wolfgang. *Dicionário de psicopedagogia e psicologia educacional*. Petrópolis: Vozes, 1994.

COSTA, Jurandir F. *Violência e psicanálise*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

CURY, Augusto. *Análise da inteligência de Cristo: O mestre dos mestres*. São Paulo: Academia de Inteligência, 1999.

DAVIDOFF, Linda L. *Introdução à psicologia*. São Paulo: McGraw-Hill, 1983.

DIAS, Kátia P. *A educação física como fator de diminuição da agressividade em menores carentes*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade de Campinas, Campinas. 1990.

GUIMARÃES, Áurea M. *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade*. Campinas: Autores Associados, 1996.

GUIRADO, Marlene. *Poder e indisciplina: os surpreendentes rumos da relação de poder*. Caderno Cedes. Campinas: Papirus, Ano XIX, dez. 98.

LA TAILLE, Yves De. Não deixe a violência aflorar. *Revista nova escola*. Ano XV, número 131, Abril, 2000. p. 19 e 20.

- LEVISKY, David L.. Adolescência e violência. Conseqüências da realidade brasileira. *Revista brasileira de psicanálise*. n. 1, v.31, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 256-261.
- LORENZ, Konrad. *A demolição do homem: crítica à falsa religião do progresso*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A.V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Moraes, 1989.
- MONTAGU, Ashley. *A natureza da agressividade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSER, Gabriel. *A agressão*. São Paulo: Ática, 1991.
- OAKLANDER, V. *Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes*. São Paulo: Summus, 1978.
- OLIVIER, Jean C. *Das brigas aos jogos com regras: enfrentando a indisciplina na escola*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- OXFORD, E. *Compreendendo seu filho de onze anos*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- TRAIN, Alan. *Ajudando a criança agressiva: como lidar com crianças diferentes*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1998.